

## Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético

BATISTA, Isabel. *Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético*. Porto, Portugal: Profedições, 2005.

### **Maria Sara de Lima Dias**

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP

O título acima é do livro da autoria de Isabel Baptista, professora da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, que se interessa pela discussão de temas de investigação na área de Pedagogia Social como o Estudo Porto Solidário que corresponde ao Diagnóstico Social do Porto. A autora também pesquisa sobre ética, a avaliação de escolas e professores, organização e gestão de redes sociais.

Sua produção integra várias obras coletivas que enfocam os dilemas éticos de nosso tempo relacionados com a capacidade de desenvolvimento da ética como uma interpelação à razão pedagógica.

Neste sentido, sua obra propaga

os valores para a promoção da humanidade e da cidadania na escola do século XXI, e discute sobre a autoridade social da escola no seio de uma sociedade que se pretende educativa e solidária. Assim, a escola é criticamente analisada como uma instituição social onde, de forma privilegiada, se promove, ou se deveria promover o direito universal ao rosto. Possuir um direito ao rosto é possuir a capacidade de se expressar, de exhibir a sua face, de mostrar a sua personalidade. Tal direito se desenvolve a partir da capacidade do sujeito para participar na vida em comum na condição de sujeito de liberdade.

Para a autora, “a ética corresponde a um modo de ser com e pelo outro sem razão e, eventualmente, contra a razão” (p.25). Os temas presentes em sua produção convidam os educadores a olharem o futuro como tempo outro que se conjuga plural; que se vislumbra atemorizador de tão inquietante e se delinea já no presente. De modo especial, reclama no exercício da prática profissional do professor a importância de saber o que fazer, para ter uma ação boa,

justa, virtuosa. Temos, assim, uma leitura enriquecedora que nos indicam fundamentos éticos da educação social.

A ética da responsabilidade do docente reflete em seu belíssimo trabalho, através de suas concepções sobre o humano, o bem, a justiça e a verdade. Explica-nos a deontologia como um conjunto de deveres, compromissos morais, razões comunicadas, políticas, pelos quais devemos nos responsabilizar.

Aborda as tarefas da ética contemporânea, reconhece o futuro como um tempo difícil, incerto e violento, e convida o leitor a refletir sobre estes questionamentos: Qual deve ser a responsabilidade social da escola numa sociedade educativa? Que valores devem guiar a promoção da cidadania no século XXI? O que significa ensinar a aprender em contexto escolar? Como articular os imperativos da pedagogia escolar com os imperativos da pedagogia social? Que novas tarefas, ou papéis, devem ser atribuídos aos professores?

Face ao anunciado desmoronamento das bases teóricas, filosóficas, ideológicas, políticas e religiosas que durante séculos sustentaram as nossas posições, vale perguntar onde iremos procurar o fundamento

racional para valores humanos nucleares como o bem, a felicidade, a verdade, a paz, a justiça ou a solidariedade? Cabe ao professor sustentar uma arte da relação que emerge da responsabilidade para com o outro, que lhe permite ser herdeiro de uma tradição, de uma cultura e de um patrimônio, no sentido de herança dos valores da história e da cultura. A responsabilidade do herdeiro como uma relação que oscila entre a fidelidade e a infidelidade. A memória e a tradição são, como sabemos, condições necessárias às práticas de conhecimento e de reconhecimento humano.

O homem é tanto mais livre quanto mais alargada for a consciência dos seus possíveis e quanto maior for a consciência em relação ao caráter moral das suas escolhas. Por mais incerto e imprevisível que o tempo “porvir” nos apresente, importa superar a “crise do futuro” que parece ameaçar hoje a vida social. O livro nos mostra que sem futuro, o presente fica mais pobre e, em certa medida, ameaçado. Conclama educadores à adoção dos princípios de uma racionalidade comunicativa, dialógica, cooperativa e interdisciplinar, bem como o respeito pela singularidade de cada situação que trazem

determinadas exigências da vida em comum. A concepção do outro e a noção de que a liberdade começa com a entrada de outras pessoas na esfera do nosso existir são fundamentais em seu pensamento.

Aprender a viver com os outros, a conviver, implica em fazer partilha do diálogo e da ajuda mútua, sinais quotidianos de uma cidadania ativa. A consciência de que o convívio é gerador de sentimentos, de afetos, de ideais, de memórias, de desejos e de valores.

Coloca a educação como tarefa específica do homem, ou seja, um dos grandes desafios da ética dos educadores. Estes, que, diante das circunstâncias, devem desenvolver suas atividades mediadas por muitos alunos e ao mesmo tempo em contextos institucionais dominados por estruturas formais, pesadas e muitas vezes impessoais. Apresenta a questão da responsabilidade da pessoa em honrar sua presença no mundo, a aprender durante a vida e com a vida, como que o universo escolar deve ser respeitado e valorizado no contexto de uma sociedade educativa. Subjugada pelo peso de expectativas sociais confusas e contraditórias, a escola agora é chamada a reinventar-se na interação dinâmica

com uma sociedade contemporânea.

Aponta a co-responsabilização ativa da escola como um compromisso conjunto entre a atitude e os valores de uma sociedade que deve buscar ser democrática, solidária e justa. Tal corresponsabilidade deve promover valores como o respeito pelo tempo do outro, a sensibilidade, a paciência, a atenção, a escuta sem esquecer que a noção de proximidade pressupõe o reconhecimento da distância absolutamente intransponível que nos separa da outra pessoa.

A escola entendida enquanto espaço de relação e de comunicação, o trabalho interinstitucional não está isento de perigos e, sobretudo, de conflitualidade. Precisamos de escolas com alma, com identidade e com rosto, nos informa a autora. Generoso na sua ambição humanizante, o projeto das cidades educadoras, que segundo diferentes configurações começa a ganhar expressão europeia, não está na verdade, isento de riscos. Privilegia-se, aí, uma visão cultural e relacional da cidade organizada em função do contributo dos seus cidadãos, responsabilizados em termos de participação social e de compromisso.

Aborda o dever de antecedência, o dever de autoridade, a ética e gestão curricular, ética e formação

profissional, e os problemas e dilemas éticos. A capacidade que cada ser humano possui para aprender, para desenvolver continuamente, constitui um traço definidor da condição humana. A capacidade de projeto, a possibilidade de imprimir um rumo ao seu próprio processo de desenvolvimento constitui a grande marca distintiva do humano.

Trata dos professores enquanto profissionais da relação, como sendo agentes privilegiados de proximidade humana. O testemunho ético do professor começa com sua própria presença, sensibilidade e atitude. A autora nos orienta a ajudar os alunos a desenvolver um conjunto de valores de acordo com os padrões internacionais dos Direitos Huma-

nos. Solicita o envolvimento e compromisso com o desenvolvimento das comunidades, especificamente da escola como comunidade social, através do estabelecimento de normas democráticas, trabalho cooperativo e valorização mútua.

Diante do compromisso ético é que se deve unir a classe docente; as novas deontologias devem procurar traduzir um sentido de autonomia, pela abertura em relação a situações novas e imprevisíveis e pelo espírito inconformista que leva cada um a empenhar-se em processos de permanente aperfeiçoamento e busca. Só assim, e porque somos professores, poderemos assumir com sentido e dignidade e responsabilidade, a tarefa de ajudar a dar rosto ao futuro.